



[Atribuição BB CY 4.0](#)

AS VOLTAS DO MUNDO ENTRE A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FORMAL: REFLEXÕES A PARTIR DO DIÁLOGO DO/A MESTRE/A E DA LEI 10.639/2003

Dário Pereira João¹
Maria de Lourdes Farias Lima²
Diego dos Santos Reis³

Resumo

O ensaio reflete sobre a intersecção entre a educação formal e capoeira enquanto manifestação cultural afro-brasileira, tendo como referência o Grupo Capoeira Angola Palmares Roger, em João Pessoa/PB. O objetivo é compreender de que modo a participação no grupo contribui para o acesso de jovens e adultos ao ensino médio e superior, impulsionado por políticas públicas de ações afirmativas. Adota-se abordagem qualitativa, de caráter participante. Os resultados indicam que a vivência no grupo fortalece e potencializa as identidades negras em espaços escolares e acadêmicos, evidenciando a relevância da Lei 10.639/2003 e sua efetivação. Conclui-se que a educação afrorreferenciada do grupo de capoeira amplia o sentido das práticas educativas e favorece trajetórias de pertencimento, acesso e permanência em espaços de educação formal.

¹ Mestre de Capoeira. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: dariopalmares@yahoo.com.br

² Mestra de Capoeira. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: malu4gd@gmail.com

³ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Aluno do grupo Capoeira Angola Palmares – Roger. E-mail: diegoreis.br@gmail.com

Palavras-chave

Capoeira; Lei 10.639/2003; Identidade Negra; Ensino Superior; Educação Escolar.

Recebido em: 30.03.2025
Aprovado em: 25/09/2025

The Turns of the World Between Capoeira and Formal Education: Reflections from the Dialogue Between the Master and Law 10.639/2003

Abstract

The essay examines the intersection between formal education and capoeira as an Afro-Brazilian cultural manifestation, with specific reference to the Capoeira Angola Palmares Roger Group in João Pessoa/PB. Its objective is to analyze how participation in the group contributes to the access of young people and adults to secondary and higher education, stimulated by public policies of affirmative action. A qualitative, participatory methodological approach is employed. The findings reveal that engagement in the group reinforces and amplifies Black identities within school and academic contexts, underscoring the significance of Law 10.639/2003 and its effective implementation. The study concludes that the Afro-referenced educational practices fostered by the capoeira group expand the scope of pedagogical processes and promote trajectories of belonging, access, and persistence within formal educational spaces.

Keywords

Capoeira; Law 10.639/2003; Black Identity; Higher Education; School Education.

“Camaradinha, estamos na escola aprendendo a ler” (Quadras, mestre Bimba).

Com a inspiradora referência de Mestre Bimba, iniciamos a conversa. “Estamos na escola aprendendo a ler”, afirmava o Mestre baiano. Nessas travessias, nas rodas de capoeira e do mundo, entendemos a necessidade de abrir mais uma roda nos espaços escolares e acadêmicos, para reafirmar não apenas o conhecimento produzido por nós, mas encarnado em nós. Trilhamos este caminho no chão de nossos territórios de vida e atuação, mas também na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde disputamos os sentidos e os caminhos da formação, negritando a importância das políticas de ações afirmativas nesse contexto.

Se nos idos dos anos 2000, na cidade de João Pessoa, ninguém escutava o/a capoeirista quando ele/a falava, entendemos que era preciso pelejar para afirmar o nosso saber/fazer e o corpo em sua totalidade, para além dos binarismos que forjam as tradições de pensamento ocidentais. Conforme Muniz Sodré (2002, p. 17), nossa atuação se dá na defesa de “um corpo que produz conhecimento”. Um corpo-capoeira, que segue travando lutas e jogando com o sistema, em exercícios que problematizam a *cientificidade* dos conhecimentos e os modos de legitimação, ou não, nos espaços formais de educação, de saberes gingados, aprendidos-e-ensinados fora dos bancos escolares. E, sobretudo, da importância da *comunidade* nesse processo de produção e difusão de um conhecimento nascido da experiência. Nas trilhas de bell hooks:

Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks, 1995, p. 466).

Conforme destaca hooks (1995), também sentimos a necessidade de retomar os estudos como estratégia de luta, reafirmando o direito de falar em nome próprio e reivindicar a nossa cidadania historicamente negada no Brasil. Assumimos, assim, a agenda de lutas não somente para o acesso aos espaços acadêmicos, mas para nossa permanência e valorização dos conhecimentos negrorreferenciados. O Mestre do grupo também fez seu caminho de volta ao

Ensino Médio (modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA) e, depois de várias tentativas, no acesso ao ensino superior via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no curso de Pedagogia na UFPB. Continuou seus estudos no mestrado em Educação, também na UFPB, e atualmente cursa Ciências Sociais. A Mestra do Grupo, por sua vez, formada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela mesma universidade e Mestra em Educação, cursa o doutorado, atualmente, no Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Essa transição entre espaços acadêmicos e as rodas de capoeira foi necessária, dada a necessidade de traçar estratégias de sobrevivência e subsistência como capoeiristas, em uma sociedade que faz do marcador social da *raça* um critério de classificação e hierarquização entre seres humanos inferiores e superiores, nomeado pela filósofa Sueli Carneiro (2023) como *dispositivo de racialidade*. Segundo Carneiro:

A negação da plena humanidade do Outro, o seu enclausuramento em categorias que lhe são estranhas, a afirmação de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a destituição da sua capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade europeia (Carneiro, 2023, p. 91).

A trajetória educacional da população negra brasileira tem sido atravessada por inúmeros obstáculos e lutas. A escola foi e é um espaço-tempo de constantes desafios para as pessoas que trazem no corpo as marcas da identidade racial negra. Ainda que a população autodeclarada negra, composta por pessoas pretas e pardas, represente 57% do povo brasileiro, de acordo com os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), os debates, as práticas pedagógicas e projetos institucionais não refletem a presença negra nos espaços decisórios, de gestão ou nos territórios curriculares, majoritariamente brancos, masculinos e europeus.

Como sujeitos/as negros/as e periféricos/as, entendemos que fugir do enquadramento dos olhares e das vozes que nos aprisionam em categorias estereotipadas e/ou folclorizadas é tarefa fundamental na transformação desse cenário de iniquidades. É insustentável que um corpo-negro seja desvelado pelos “gritos” de raivosidade do opressor (Freire, 2015).

Conforme Brandão (2013), existem outras educações e múltiplos espaços educativos. A escola de samba, o terreiro, o jongo, a capoeira, expressões que

fazem parte da matriz afro-brasileira, são exemplos notórios de práticas e espaços nos quais a educação se alicerça em valores comunitários, da oralidade, da corporeidade, e resiste ao sistema opressor. Aqui, a capoeira é o fenômeno que analisamos e do qual nos aproximamos.

Compreendemos a capoeira como nossa filosofia de vida: “é o voo do passarinho e o bote da cobra-coral”, como nos inspira uma de suas cantigas. Com mais um corrido⁴, afirmamos que: “capoeira é defesa, ataque, é ginga de corpo, é malandragem”. Segundo Abib (2017) e Sodré (2002), trata-se de uma manifestação cultural afro-brasileira multifacetada que, a um só tempo, é dança, luta e jogo. No diálogo destes autores com Freire (2015, p. 15), defendemos que, por meio da capoeira, entendida como situação vivida, cada pessoa pode “objetivar seu mundo, o alfabetizando nele, reencontrar-se com os outros e nos outros, companheiros de seu pequeno círculo de cultura”.

Além de tornar-se para nós o “círculo de cultura”, consideramos o Grupo Capoeira Angola Palmares como um espaço de expressão do Movimento Negro Educador, seguindo as trilhas de Nilma Lino Gomes (2017). O grupo, ao desenvolver suas atividades, assume uma intencionalidade pedagógica de combate ao racismo e de afirmação positiva da identidade negra, tanto para seus membros negros como para não-negros.

Gomes (2017) propõe que uma instituição/entidade para ser considerada Movimento Negro precisa alinhar a assunção da identidade negra com o saber engajado e criar estratégias de aquilombamento e de combate ao racismo. Assim, a vivência no grupo de capoeira valoriza o referencial afro-brasileiro, fazendo com que suas/seus praticantes desenvolvam o reconhecimento de seu pertencimento étnico-racial. Esta é a perspectiva que assumimos enquanto Grupo de Capoeira: círculo de cultura e associação de lutas em nome das políticas de ações afirmativas.

Neste sentido, refletimos sobre a intersecção entre a prática da capoeira enquanto manifestação cultural afro-brasileira, vivida com sentimento de pertença à luta, e a educação escolar para crianças e jovens do Grupo Capoeira Angola Palmares, no Roger, em João Pessoa. A questão que nos orienta é: como a vivência no Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger tem mobilizado as pessoas membras do Grupo e impulsionado seu acesso ao ensino médio e ao

⁴ Corrido é uma classificação dada à música de capoeira na qual o solista canta versos curtos e o coro responde de imediato.

ensino superior? Entendemos que a concepção cultural da capoeira aproxima as pessoas membras às atividades formativas de espaços de educação formais e das competências preconizadas por eles, como a formação para cidadania crítica, via letramento racial.

Deste modo, nessas travessias, buscamos historicizar a formação do Grupo e apontar suas preocupações com a escolarização formal das pessoas membras; traçar os nexos entre a educação afrorreferenciada e a educação escolar, para o fortalecimento do aprendizado *encarnado*; e identificar que áreas e campos de conhecimento pessoas jovens e adultas do Grupo de capoeira têm acessado nas instituições de ensino superior.

Nesse sentido, na tentativa de compreender as aspirações, motivos e atitudes, o artigo apresenta uma pesquisa qualitativa, de caráter participante e bibliográfica, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências, perspectivas e percepções das pessoas envolvidas.

“Vou caminhando pelo mundo, eu vou | a capoeira foi quem me ensinou...”

O Grupo Capoeira Angola Palmares começa suas atividades em 17 de março de 1998, na Escola Piollin, no Roger, sob a coordenação de Dário Pereira João (Mestre Dário Tartaruga) e Maria de Lourdes Farias Lima (Mestra Malu). Nossa intencionalidade foi sonhar “outros sonhos possíveis” (Freire, 2014), um espaço-tempo de vivência da capoeira, do maculelê, do samba de roda para crianças e jovens, para (re)criar outros corpos-alegres. Tratava-se de impactar positivamente na autoestima, fortalecer o protagonismo infanto-juvenil, da comunidade LGBTQIAPN+, das mulheres e da juventude negra; favorecer uma cultura de paz e de combate ao racismo; valorizar a identidade afro-brasileira em nossa periferia e criar vínculos entre as pessoas do grupo. Com este fito, estabelecemos aproximações com o Movimento Negro da cidade, em especial com os Agentes da Pastoral do Negro, na década de 1990, que posteriormente passou para Pastoral Afro-brasileira, na década de 2000. Essa parceria entre o Grupo e a Pastoral gerou resultados valiosos, como as oficinas de percussão, com o professor Rivaldo Pessoa, do Alafin Oyó, de Pernambuco; oficinas de penteados afros, com a professora Sara, de Guiné-Bissau; oficinas sobre sexualidade, que

ensinavam sobre sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), com educadores/as do Movimento Espírito Lilás (MEL).

Realizamos, ainda, oficinas de leitura de prosas e versos de poetas negras/os. As obras celebravam a beleza negra e reforçavam o “poder de agência do povo negro” (Asante, 2009). A literatura tornou-se um meio de afirmação da identidade negra para todas as pessoas do Grupo. Segundo uma das alunas, “a gente recitava as poesias, enquanto tocava os atabaques e dançava, isso nos fez sentir bem com nosso corpo, com nossa negritude. Eu me sentia poderosa, trançando as ideias e meus cabelos” (Aluna e Capoeirista A, 2023).

No começo dos anos 2000, os Mestres do Grupo ensinavam as crianças e os jovens a cuidarem de si e do coletivo, para o enfrentamento dos casos diários de racismo. Neste ano, uma aluna preta (Aluna e Capoeirista B), da turma de meninas da ONG local, relatava “que enfrentava situações de xingamentos diários”. No início da atividade, no acolhimento inicial, havia a partilha sobre a rotina na escola. Ao ouvirmos os relatos constantes das supostas “brincadeiras” e piadas racistas – o que entendemos hoje como racismo recreativo –, passamos a elaborar estratégias de enfrentamento ao racismo cotidiano (Kilomba, 2019). Em visita à escola do bairro, uma professora afirmou que “levávamos as brincadeiras de criança muito a sério”. Mas, nas trilhas de João Balula, uma das lideranças históricas do Movimento Negro da Paraíba, seguimos compreendendo que através das “brincadeiras” é que se perpetuam o racismo e outras discriminações correlatas (Moreira, 2019).

Grande parte das pessoas alunas dessa primeira geração, de 1998, que eram crianças à época, conforme cresceram foram desistindo da escola local do bairro. Havia muitas reclamações sobre a merenda escolar e a omissão das professoras e demais profissionais da instituição. Acreditamos que nossa tomada de posição para alinhar a capoeira com a educação escolar foi provocada por situações de conflitos não resolvidos. Na nossa percepção, as situações narradas inúmeras vezes pelas crianças no período de 1998 até 2006, não eram levadas a sério e a justificativa era quase sempre a mesma: “Isso é coisa de criança... Depois, elas esquecem”.

Como desdobramento de outra estratégia do ativismo antirracista, entendemos que precisávamos nos aproximar mais da escola, para que, diante de nossas intervenções ativas, a instituição modificasse sua relação com as crianças, principalmente as negras, de comunidades periféricas de João Pessoa: Asa

Branca, Terra do Nunca e Comunidade do S. Foi bastante inquietante perceber, nesse período, que algumas pessoas educadoras da própria Organização não-governamental (ONG) local também tratavam aquelas pessoas como cidadãos de segunda classe, como os *sorobrôs*, expressão local que fazia referência às crianças com as quais ninguém queria desenvolver atividades. Começamos a realizar mais apresentações com as meninas, com rodas de capoeira, coreografias de maculelê e os recitais para a valorização da pessoa negra. De acordo com uma das participantes: “Era muito instigante, palavras e tambores... Fizemos muitas apresentações pela cidade. Lembro bem de uma apresentação do recital de poesia com as meninas, quando terminou, as pessoas me pediram autografo. Como não sabia fazer meu nome, me escondi atrás da professora Malu” (Aluna e Capoeirista B).

A referida apresentação foi na Academia Paraibana de Letras, próximo à Igreja São Francisco, no Centro da cidade. As pessoas presentes foram pedir autógrafos às meninas, que cursavam a 6ª série (atualmente, 7.º ano), mas muitas não assinavam o nome completo. Sentimos a necessidade de aprofundar o contato delas com a escrita, para que o letramento lhes desse chance de se apropriar da compreensão escrita e de chegar à etapa final da educação básica. Com Evaristo (2020, p. 53), entendemos que “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida”. Adotamos, no Grupo, a prática da escrita de cartas, que era uma forma de tornar diário o exercício da escrita:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 53-54).

É preciso destacar, ademais, outro fato importante desse exercício de escrita e de trânsito pelas palavras e pela cidade, nas vias da cidadania ativa. Havia um ônibus disponibilizado gratuitamente por um grande shopping da cidade, com itinerário Lagoa/Shopping/Lagoa. Muitas das jovens do Grupo não sabiam como sair de suas comunidades e transitar pela cidade, o que nos traz a questão da mobilidade urbana e do direito à cidade. Pedimos que elas andassem

pela cidade, em grupos de duas ou três alunas, e que caminhassem para a Lagoa, pegassem o ônibus e fossem para o shopping. Ao retornar para casa, orientamos que escrevessem uma carta com o relato do passeio, dos caminhos, dos encontros com as pessoas, a percepção do coletivo e do shopping, eventuais incômodos, bem como o que mais chamasse atenção delas.

A escrita das cartas e as conversas sobre os “passeios orientados” foram muito intensas, revelando sensações e experiências marcantes: o medo de subir no ônibus; o receio de entrar no shopping; as multidões que, no vaivém do dia-a-dia e na correria desenfreada, assustam. Com o passar do tempo, as cartas foram ficando mais extensas; a letra, mais legível; e o vocabulário foi sendo ampliado, com músicas e poesias que se somavam aos relatos. O corpo-capoeira, por sua vez, revelou maior potência, com pontes, reversões e récitas de poesias de pernas para cima. Algumas dessas pessoas chegaram ao ensino médio. Apesar disso, das primeiras gerações que integraram o Grupo, tivemos muitas perdas, por doenças e pela violência que assola a juventude negra em territórios de periferia. Outros continuaram como catadores de recicláveis, pedreiros, vigilantes e auxiliares de serviços gerais. Mesmo aquele que chegou a tornar-se policial, concluiu apenas o ensino médio. Nesse tempo, crianças transitavam pelas ruas do bairro do Roger com vasilhames, baldes, latas para pegar sopa. Essa foi uma geração que disputou o lixo com os urubus, no antigo Lixão do Róger⁵.

Desde o início do grupo, duas pessoas nos acompanham até hoje: um aluno e uma aluna. Após realizarem por 16 anos as provas do Exame Nacional do Ensino – ENEM, conseguiram, através das cotas, o ingresso no ensino superior. Ela foi aprovada no Instituto Federal da Paraíba, no curso de sistemas de telecomunicações; e ele, na Universidade Federal da Paraíba, no curso de pedagogia do campo. “*Vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas...*”, ecoa ainda como máxima de nosso coletivo e valor que orienta as nossas práticas, pois em roda circulam os sonhos de equidade e de justiça social para todas as pessoas.

Entendemos que, com o jogo dos corpos ágeis da capoeira, com as palavras em voz alta e com os giros do maculelê, havia a necessidade de entrelaçar tudo isso desde um corpo-capoeira-negro, para potencializar outros voos, para além do nosso território. Através da capoeira, a própria cidade se tornou um território amplo de aprendizagem e de inscrição de nossos corpos nas tramas urbanas. O

⁵ Sobre o antigo lixão do Róger (1958-2003), cf. a série fotográfica “Lixão do Roger” (2002). Disponível em: <http://guilhermebergamini.com/lixao-do-roger/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Grupo participou de várias conferências, como a das Mulheres, a da Igualdade Racial e a das Crianças e dos Adolescentes; de exposições de artes visuais, interagindo significativamente com a do pintor Alfredo Volpi, “o pintor das bandeirinhas”, na Casa dos Azulejos, no Centro Histórico. Realidades urbanas que, nas trilhas da história e das culturas, produzem as metamorfoses dos espaços habitados.

Com o primeiro governo Lula (2003-2011), houve expressiva melhora nas condições de moradia, de saneamento e de trabalho às comunidades periféricas de João Pessoa, que deram outros contornos às infâncias das Comunidades do S, Asa Branca e da Terra do Nunca. A partir do governo de Temer (2016-2019), houve mudança nas políticas sociais dirigidas às populações em situação de vulnerabilidade social, ainda mais precarizadas no decurso do governo Bolsonaro (2019-2022). Com a pandemia de Covid-19 e a política de morte e negacionismo fomentada pelo governo federal, o retrocesso nas políticas sociais foi sentido de modo muito agudo, trazendo de volta a fome para moradores das comunidades e para o cotidiano de quem, na luta, presenciou o desmantelamento das instâncias de suporte, apoio e cuidado institucionais.

Vou jogar capoeira pelo mundo

Como habitantes do bairro do Roger, aprendemos a pensar sobre os espaços habitados como lugares mantidos e transformados pelas ancestralidades. Percebemos que esse lugar tocava e era tocado pelo corpo-capoeira. Sujeitos e sujeitas que, ao mover o corpo em direção “ao arcabouço da memória da cultura afro-brasileira”, descobriam “a ancestralidade desse lugar”, no processo de formação pelos sentidos, quando os pés tocavam o chão e o chão tocava os pés. Este chão, o mesmo pavimento sobre o qual pessoas negras escravizadas caminharam durante o século XIX, no antigo Engenho Paul⁶, e que hoje ocupamos no Centro Cultural Piollin, com movimentos diários, frontais, circulares – sem recuos.

Entendemos a capoeira como um processo educativo que “se faz com o corpo, pelo corpo, no corpo, o inscreve como saber, comunidade, memória, encanto, arma e brinquedo” (Rufino, 2023, p. 13). Cada apresentação, para nós,

⁶ O antigo Engenho Paul, tombado pelo IPHAEP em 18 de fevereiro de 2005 abriga, atualmente, o Centro Cultural Piollin, situado à Rua Sizenando Costa, s/n, João Pessoa – Paraíba.

amplia a fluidez dos movimentos corporais, pois a intercorporeidade marca a linguagem do jogo da capoeira numa relação entre o eu, o outro e a roda. Assim, a voz ecoa na roda e no público com nitidez, sem embaraços, para enunciar os silêncios, as faltas, a fome e a festa, pois cantamos, jogamos, dançamos, negaceamos e a gingamos dentro da pequena e da grande roda, dentro de casa e fora dela, nas ruas, nas escolas e nas universidades.

Foram esses elementos próprios da capoeira que nos possibilitavam gestar um corpo territorializado desde as matrizes afro-brasileiras, porque nós cantamos/contamos sobre Zumbi, louvamos deusas e deuses ancestrais, referenciamos nossos/as Mestres/as, recitamos as negras palavras que inspiram nossas ações por equidade e justiça social, ao ritmo dos berimbaus, pandeiros, agogôs e atabaques. Para nós, em consonância com Miranda:

O vínculo cultural ao corpo-território abre campo para encontrar a substância da cultura como centro de interesse da educação: o fazer coletivo, os espaços de significação das expressões dos corpos-territórios afro-brasileiros, a cultura imaterial decorrente da vivência desses grupos (Miranda, 2020, p. 19).

Na vivência do grupo, os corpos-territórios se presentificam no chão da roda, na coletividade, no axé – força vital. Aprendemos a nos expressar com o corpo todo, por meio de saberes/fazerem que não se limitam à linguagem verbal. Isso possibilitou que os valores de uma educação afrorreferenciada atravessassem os corpos integralmente, *encarnando* concepções pedagógicas, sentidos e sonhos que fazem a “palavra-corpo” circular para espaços de formação os mais diversos, o que contribuiu para o fortalecimento do aprendizado e dos laços de afetividade e pertencimento ao grupo. São estes laços que fomentam o sentido de permanecer nos espaços de educação formais, para consecução de um “sonho sonhado por todos/as nós para todos/as nós”, isto é, que se redimensiona nos contornos do coletivo, como na filosofia Ubuntu, “eu sou, porque nós somos”.

É da valorização da potência do coletivo que emerge a preocupação de fortalecimento de redes com outros movimentos sociais da cidade, desenvolvendo ações de mobilização com engajamento social, político e pedagógico. Como exemplo, podemos citar, durante muitos anos, a participação no *Grito dos Excluídos*, manifestação que ocorre no dia 7 de setembro, anualmente, e que nos remete à luta social dos movimentos que disputam direitos fundamentais e a cidadania ativa. Caminhamos com o Grupo nos atos de rua que exigiam a efetiva democracia neste país; estivemos nas escolas, articulando a capoeira com o cumprimento da Lei 10.639/03, fortalecendo suas premissas

afrorreferenciadas. Além disso, institucionalmente, o Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger participou das reuniões públicas do Orçamento Participativo Municipal e Estadual; encampou a luta pelo Centro Cultural do bairro do Roger, em João Pessoa; e segue, cotidianamente, debatendo as práticas de subjetivação negras, a responsabilidade e o compromisso de salvaguardar a capoeira como prática de liberdade, pois concordamos com Freire (2015) que a educação não muda o mundo; a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo.

É nesse sentido que percebemos a convergência da capoeira como uma educação popular, pavimentada pelo diálogo, amorosidade, ética e estética em uma relação de envolvimento entre sujeitos/as e deles/as com o mundo vivido. Enseja-se a criação de relações justas, denunciando as diversas formas de violências e o anúncio de outras subjetividades, que reivindicam o lugar nessa roda, gingando com o corpo-capoeira-periférico que afirma a multiplicidade dos modos de ser, sentir e existir. É a sabença do Mestre e da Mestre que se transmuta no espelho da intergeracionalidade, levando adiante o legado da luta e da coragem que nos educam: “capoeira na roda, capoeira na vida”, nos ensina o Mestre Nô⁷.

O corpo-mandigueiro, girante, que negaceia, se desloca e golpeia o sistema de opressões, afirma na roda a sua ousadia. Anda com as mãos e voa com os pés para “transgredir” práticas e discursos instituídos (hooks, 2017). É o corpo que dribla e que faz da mão o gesto consciente de quem teima – entrelinhas e tons – para grafar nas folhas de papéis teorias, prosas e poesias e, nas frestas, rasurar o sistema de exclusão, de inaccessos e evasão compulsória. Confluímos com Rufino ao afirmar que:

A mandinga é a sapiência do corpo, é o saber que é lançado ao mundo a partir dos princípios e potências corporais. A mandinga está expressa também na fala, já que não há separação entre o que é dito verbalmente ou não verbalmente. Tudo que é textualizado nas mais amplas possibilidades de linguagens parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo, enquanto agente coletivo e individualizado que é (Rufino, 2019, p. 59).

Trata-se, aqui, de outra lógica, que vira de ponta-cabeça (Rufino, 2023) as tecnologias privilegiadas pelo pensamento ocidental, para inverter a lógica

⁷ Norival Moreira de Oliveira, nascido em 22 de junho de 1945, na Ilha de Itaparica/BA, é conhecido como Mestre Nô. O Mestre de Capoeira foi iniciado na Capoeira Angola aos quatro anos de idade. Em 2018, recebe o título de Doutor Notório Saber, da Universidade Federal da Bahia. Desde 2024, é Professor Visitante Notório Saber do Departamento III da Faculdade de Educação, da UFBA, pelo edital do Programa de Saberes Tradicionais da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA (Proext/UFBA).

unívoca de práticas e processos formativos, desconstruindo dicotomias e binarismos. As traquinagens dos/com os corpos potencializam movimentos insubmissos e a descolonização de trajetórias, repertórios e percursos plurais, sem desconsiderar os contextos concretos e as singularidades de cada pessoa. Partindo de nós mesmos/as “como sujeitos históricos e inconclusos” (Freire, 2015, p. 103), pleiteamos a “não apreensão de um modo de saber por outro que se reivindica único” (Rufino, 2019, p. 89), mas que não é atravessado pelo corpo negro, pelo território, pelo terreiro dos cotidianos vivos, vívidos e vividos.

A capoeira educadora transborda sentidos e significados. Ela dá corpo a conjunto de práticas que tem como esteio um conhecimento há muito silenciado, mas que “ferveu por dentro”, e ecoou no brado negro de corpos que gingam e se posicionam na roda, pois a roda é o infinito, “é a possibilidade de constituição de uma enunciação gestual em práticas discursivas, que se serve dos movimentos e ações corporais para estruturação do seu repertório” (Tavares, 2012, p. 82). O passado, que se faz presente em cada passo e saudação, perfaz a roda que se forma: “*Iê, vamos jogar, camaradinha!*”. No início, era a roda como princípio e do corpo encarnado fez-se o verbo. O corpo que, “antes de mais nada, sabe fazer” (Abib, 2017, p. 97), e é escuta ativa e afetiva daqueles/as que vieram antes: o/a Mestre/a, notório saber da experiência.

A inspiração, a fala, o gingado, que vai do Grupo à universidade, revela os caminhos sinuosos e vivos percorridos por nós no processo educativo. É aprendendo e fazendo; fazendo e aprendendo, que afirmamos um princípio que também é afro-brasileiro: a corporeidade e a presença, que criam vínculos de pertencimento, por meio do quais a ação e o pensamento não se dissociam. Assim, nas inteirações entre o Grupo e as escolas, forjamos os sonhos, o desejo, a vontade, o prazer de transitar aqui e acolá, construindo as pontes para a universidade e para o mundo, arando o chão, alimentado a terra e semeando outros frutos. Como afirma Lélia Gonzalez (2020), ironicamente, “o lixo vai falar, e numa boa!”. Somos professores/as, pesquisadores/as, mestres/as, alunos/as e doutores/as, que, em todas as funções, transitam nos espaços formais de produção do conhecimento.

Enquanto corpo encarnado das lutas, fruto do sonho de nossas ancestrais, nas universidades e escolas, os corpos-capoeiras transitam entre corredores e salas, com seus *blacks*, tranças, calças de bolsos, camisas do Grupo, sorrisos e silêncios, angústias e desejo de permanecer. O ingresso de 06 alunos/as do Grupo

nos cursos de graduação da UFPB e de 03 alunos/as no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), nutre nossos sonhos e a “teimosa esperança” que nos sustenta (Evaristo, 2005, p. 202). A luta diária para permanecer nesses espaços explicita ainda as barreiras que seguem presentes nas vidas de filhos e filhas da classe trabalhadora, cuja permanência depende do fomento previsto em editais de auxílio-transporte, moradia e alimentação, bolsas de estágio, pesquisa, extensão. Ou, ainda, “dos corres” como motoristas de aplicativo e entregas. Para a juventude que está no Grupo desde criança, ela passa a ser espelho a outros/as jovens do bairro e da vizinhança, tal como os/as Mestres/as e seus percursos de formação dentro e fora da roda.

O objetivo é nutrir perspectivas emancipatórias e democráticas, que tensionam a ordem imposta, com práticas pedagógicas e produção do conhecimento engajados com a transformação social. O que, mais recentemente, desde 2024, tem se refletido também no aumento de jovens que têm acessado a pós-graduação, em nível de Mestrado e Doutorado. Na UFPB, eles/as estão nos cursos de Comunicação, Sociologia e Geografia. Também ingressaram em cursos de Mestrado e Doutorado em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Esse fluxo de corpos-capoeiras, que também estão na academia, alimenta nossos projetos coletivos e de repactuação político-epistemológica. Hoje, nós sonhamos que as crianças de nossas comunidades vão poder seguir as trilhas abertas pelo Grupo, coletivamente, entre a capoeira e universidade.

Quadro 1 – As graduações cursadas pelos/as capoeiristas do Grupo no ano de 2024.

INSTITUIÇÃO	CURSO	ALUNOS/AS CAPOEIRISTAS	BAIRRO
UFPB	Pedagogia do Campo	02	Baixo Roger
UFPB	Pedagogia	01	Baixo Roger
UFPB	Ciências da Religião	03	Baixo Roger
UFPB	Ciências Sociais	02	José Américo e Baixo Roger
UFPB	Ciências de Dados	01	Baixo Roger
UFPB	História	01	Centro

Faculdade Particular	Direito	01	Roger
IFPB	Sistema de Telecomunicação	01	Altiplano
IFPB	Geoprocessamento	01	Baixo Roger
UFPB	Engenharia Elétrica	01	Roger

Fonte: As pessoas autoras (2025).

Atualmente, estão matriculados/as em Instituições de Ensino Superior (IES): dois alunos/as no curso de graduação de Pedagogia do Campo; um aluno no curso de Pedagogia; três alunos/as em Ciências da Religião; um aluno em Ciências Sociais; uma aluna em Ciência de Dados; um aluno em História; um aluno em Direito; um aluno no curso de graduação de Geoprocessamento; uma aluna em Redes de Telecomunicação. Ainda temos outros/as alunos/as, que não são do bairro do Roger, matriculados/as em outros cursos de graduação na UFPB: História, Ciências Sociais, Engenharia Elétrica e Letras-Espanhol.

Desse modo, identificamos que os cursos os quais os/as jovens e os/as adultos do Grupo de capoeira estão acessando nas universidades são, em sua maior parte, da área de Ciências Humanas e, em particular, licenciaturas. Quase todos/as são os primeiros universitários/as e/ou formados da família a acessar o ensino superior e parte significativa deles/as estão matriculados/as nas licenciaturas. Em um dos casos, pai e filho ingressaram no mesmo ano letivo na UFPB, em 2023. O filho vem colhendo os frutos de mais de duas décadas das políticas sociais de transferência de renda do Governo Lula e de políticas de ações afirmativas, enquanto o pai levou 16 anos para entrar na UFPB, não apenas para mais uma apresentação cultural, mas como aluno regular. Sonhos intergeracionais que, aos poucos, vão sendo materializados nas trajetórias de sujeitos que rompem com a cadeira de opressão e exclusão que, historicamente, aprisionou o povo negro nas tramas de um dispositivo de racialidade, marcado por estigmas e estereótipos inferiorizantes, por meio de um “processo persistente de produção da indigência cultural” (Carneiro, 2023, p. 88).

Escrevemos, como nos ensina Conceição Evaristo, para sangrar. Mas também para estancar a sangria e pavimentar pontes e encruzilhadas entre a periferia e a cidade, entre saberes ancestrais e escolares, a roda e a universidade, numa busca persistente de expansão das potencialidades e possibilidades da vida, com dignidade, justiça e respeito.

Em roda, jogamos com espacialidades e tempos espiralares, contratempos e negativas aos ditames fatalistas de lógicas coloniais (Martins, 2021). Em cada encontro, uma comunidade político-afetiva de aprendizagem emerge (hooks, 2017), a qual nos vinculamos com nossas vivências, experiências e ancestralidades. O vínculo afetivo educa, protege, nutre e cura quem, muitas vezes, encontra na roda o espaço de autoafirmação, de cuidado e de formação. A mão que toca também é tocada e, nesse vaivém, coletivamente, construímos e assumimos a identidade de um Movimento Negro Educador (Gomes, 2017).

Através do corpo-arquivo-arma (Tavares, 2012) e do corpo-capoeira, que salvaguardam a memória, temos construído, nas brechas, novas relações e modos significativos de produção do conhecimento, na roda de capoeira (mundo) e com a roda (coletividade). Com Conceição Evaristo (2020, p. 53), nosso lema é “fugir para sonhar e inserir-se para modificar”. A intencionalidade pedagógico-política voltada ao enfrentamento ao racismo e à afirmação da identidade negra positiva orienta nossas ações e reflexões. Seguimos “organizando o ódio”, nas trilhas de Freire (2015), pois não podemos confundir a reação do oprimido com a violência do opressor. Epistemologicamente, na pesquisa em educação, assumimos um posicionamento insurgente, ampliando o círculo da intelectualidade àquelas/es que nos formaram, em instituições formais ou não, entendendo que a educação e a formação acontecem em espaços-tempo diversos. De acordo com hooks:

De fato, quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso a massas de pessoas de diferentes classes raças ou formação educacional nos tornamos parte de comunidades de resistência coalizões que não são convencionais. O trabalho intelectual só nos aliena de comunidades negras quando não relacionamos ou dividimos nossas preocupações por miríades de interesses (hooks, 1995, p. 476).

A questão que se impõe é, no ingresso aos espaços de educação formais e de poder, não negociar o inegociável e se dobrar aos processos de subjetivação neoliberais, caracterizados pelo individualismo, pela competitividade e pelo foco

na performance individual, que elide o coletivo. Nosso Grupo tem sido atravessado pelas lutas por justiça, materializado no machado de Xangô, oxê da justiça, e encarnado no corpo-capoeira que é Besouro Mangangá; é Mestre Moa do Katendê; é Mestre Nô, Dandara, Zumbi dos Palmares. E são nossas crianças, jovens, adultos e idosos formando rodas de capoeira e alimentando utopias para a construção de uma sociedade democrática e plural, com o direito à diferença.

Dessa forma, através da roda, temos o mundo vivido na capoeira, no gingado dos corpos e dos corpos-gingados, com fundamentos, comportamentos e movimentos implicados em uma educação popular, na assunção de sujeitos inacabados que, mobilizados na roda e com a roda, confluem nos caminhos de acesso ao ensino médio e ao superior.

Entre o diálogo e o aprendizado cultural da capoeira da linhagem da Palmares, do Mestre Nô, acessamos o encantamento das histórias das rodas, dos jogos, das rasteiras que Mestre Dário conta nas “papoeiras” – conversas ao final das rodas –, os fundamentos, a formação capoeirista dos/as integrantes do Grupo e a valorização do povo negro, suas histórias e lutas para afirmação de nosso pertencimento racial, além do lugar das mulheres nas rodas, com Mestra Malu.

Nas rodas de capoeira e de maculelê, cantamos e contamos quem somos. Nela, emerge a potência do mover o mundo, de ecoar sons, de repetir movimentos e de imprimir outros conhecimentos, com o compromisso pactuado na leitura do mundo, da palavra e da escrita, para incentivar e criar as estratégias para a continuidade dos estudos. Nos processos educativos, pensamos que se faz necessário a “corporificação da palavra pelo exemplo” (Freire, 2014, p. 35).

A aproximação do Grupo com a educação afroreferenciada, os elementos da musicalidade, os movimentos e os fundamentos convergem com as premissas da educação popular. Os processos democráticos de ensino-aprendizagem e a construção do conhecimento com sentido traz à cena os corpos afroterritorializados nos contextos escolar e universitário, e os valores do diálogo, da amorosidade, da escuta nas práticas educativas. Na contramão do epistemicídio⁸ (Carneiro, 2023), o pensamento negro-brasileiro aposta na afirmação das epistemologias negras como conhecimento nascido nas lutas por emancipação.

⁸ Sueli Carneiro afirma ser o epistemicídio mais um dos componentes da estrutura de dominação étnica e racial e elemento de interdição do negro enquanto ser humano, sujeito de direito e sujeito moral, político e cognoscente (Carneiro, 2023, p. 87-120).

Os achados desse breve estudo apontam para adensamento do letramento e da consciência raciais através dos diálogos, dos saberes/fazeres da capoeira, que têm favorecido a elevação da autoestima, o conhecimento da história e da luta do povo negro e a partilha das experiências com as instituições educativas formais. Como estratégia de ação afirmativa, a partir da Lei 10.639/2003, nos mobilizamos para necessária implementação da legislação desde os repertórios vividos, reflexões e ações do Grupo, como movimento negro e negros/as em movimento, em atividade na cidade de João Pessoa desde 1998. E, sobretudo, esperamos novos começos e porvires, no despertar dos sentidos e percepções da roda.

Para nós, salvaguardar a memória, a cultura e a identidade negras potencializam a juventude periférica para o acesso e a permanência nas instituições de ensino. Isso significa construir uma ponte entre o diálogo e o aprendizado da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, para todas as pessoas, negras e não-negras. Como ação pedagógica afirmativa, a capoeira, enquanto expressão cultural afro-brasileira, diaspórica e ancestral, tem se tornado uma ponte vital entre a periferia e as universidades públicas, colaborando com o acesso e a permanência na educação superior.

Ao nos afirmarmos como capoeiristas e acadêmicos/as, nossa posição é fruto de uma *práxis encarnada*. As voltas do mundo entre a capoeira e a educação formal nos revelam possibilidades abertas pela palavra e pelo corpo, que se correspondem e se fortalecem nas lutas coletivas. O Grupo, tal como exposto, tem aterrado práticas pedagógicas, políticas e epistemológicas que municiam a juventude ingressante nas IES e negrita os percursos formativos e de vida, comprometidos radicalmente com a justiça social, racial e de gênero em todos os espaços. Girar o mundo, as perspectivas e as trilhas formativas tem orientado nossas ações e mobilizações nos diversos territórios formativos. Como nos ensina Sueli Carneiro (2011, p. 84), quando toca o berimbau, sabemos que “é preciso ir ao encontro da vida para buscar forças para resistir”. E *resistência* tem sido a palavra de ordem em nosso Quilombo, como herdeiros/as do legado de Palmares: “capoeira na roda, capoeira na vida...!”.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade** – uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 57ª rempr. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CARNEIRO, S. “Viveremos”. *In*: CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, N; SCHNEIDER, L. (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária/UFPB, 2005. p. 201-212.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. O Movimento Negro Unificado: um novo estágio na mobilização política negra. *In*: **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 112-126.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: LIMA, M; RIOS, F. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HOOKS, b. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, E. O. **Corpo-território e educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

MOREIRA, A. J. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, L. **Ponta-cabeça**: educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

TAVARES, J. C. de. **Dança de guerra-arquivo e arma**: elementos para uma teoria da capoeiragem e da Comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.